

"Mal Banal" e América Latina: uma análise por meio da perspectiva Arendtiana

"Mal banal" y América Latina : un análisis realizado por la perspectiva de Arendt

Sônia Maria Schio ¹

Resumo

O presente ensaio visa a aproximar o conceito de "mal banal" utilizado por Arendt (1906-1975) para referir-se aos atos praticados durante os Totalitarismos da primeira década do séc. XX, o Nazista (1933-1945), em especial, com aqueles praticados na América, sobretudo a Espanhola, após o chamado "Descobrimiento" (1492), exposto por Frei Bartolomé de las Casas (1474-1566). Para a prática do "mal banal", ou para a execução de atos maus, não é necessário que haja um agente maligno, religiosa ou ontologicamente tratando, ou com alguma espécie de fanatismo ou ideologia. Basta, apenas, alguém que não pense no que faz, não avalie os seus atos, não se coloque no lugar do outro, como fizeram os espanhóis, durante a denominada "Conquista da América". A hipótese a ser desenvolvida é a de que, em ambos os eventos, a dignidade humana foi contornada porque o interesse de poucos prevaleceram: lucros, dominação, posse de terras, uso de mão de obra barata (escrava). Para que isso não continue a ocorrer, é preciso pensar. Torna-se necessário resistir e evitar que as práticas do mal aconteçam, e que as pessoas continuem sendo usadas como coisas, como meio, para algo que não seja a dignidade humana e a preservação do entorno.

Palavras-Chave: Arendt; "mal banal"; Frei Bartolomé de Las Casas; ação; dignidade humana.

Resumen

Este ensayo pretende llevar el concepto de "mal banal" utilizado por Arendt (1906-1975) para referirse a los actos realizados durante el Totalitarismo de la primera década del siglo XIX, el Nazi (1933-1945), en particular con las que se practican en América, en particular el español, después del llamado "Descubrimiento" (1492), explicada por Fray Bartolomé de las Casas (1474-1566). Para la práctica del "mal banal", o para la ejecución de actos de maldad, no es necesario que haya un agente maligno, religiosas o ontológicamente, o con algún tipo de fanatismo o ideología. Simplemente, alguien que no piensa acerca de lo que hace, no evalúe sus actos, no se pone en lugar de otro, como hicieron los españoles, durante la llamada "Conquista de América". La hipótesis que se desarrolla es que en ambos eventos, la dignidad fue excluido porque los intereses de unos pocos prevalece: Ganancias, la dominación, la tenencia de la tierra, el uso de mano de obra barata (esclavos). Para no dejar que esto siga produciéndose, es necesario pensar. Es necesario resistir y evitar las prácticas de mal ocurra, y que las personas no siguen siendo utilizados como cosas, como un medio para algo que no es la dignidad humana y la preservación del entorno.

Palabras claves: Arendt; Frei Bartolomé de Las Casas; mal banal; acción; dignidad humana.

1. Introdução

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Professora do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas (DFil/IFISP/UFPel). Coordenadora do GEHAR - Grupo de Estudos Hannah Arendt; soniaschio@hotmail.com

Nos últimos setenta anos, tem-se falado (e ouvido) muito sobre os acontecimentos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). E isso ocorre não apenas porque a guerra não é boa, porque nela morreram mais de 60 milhões de pessoas, destruiu parte do mundo conhecido, mas porque inaugurou algo jamais pensado, sequer em ficção: as "fábricas de morte". Em outros termos, que alguns seres humanos inventaram uma linha de produção para matar pessoas. Veja-se a planta baixa de um campo de concentração: ele foi planejado nos mínimos detalhes para tornar a morte de pessoas mais fácil, rápida ...

Nesse contexto, as gerações atuais têm a impressão que isso foi o "pior" evento da Humanidade ... Tal aceção, no entanto, gera problemas: é possível qualificar um evento que mata pessoas? Se quantificar é difícil, emitir juízos de valor torna-se quase impossível. Isso não descaracteriza os Totalitarismos (Nazista, Stalinista ou outro Fascismo) como absurdos, apenas se pode pensar que estes, engendrados pelo ser humano contra o humano, infelizmente, não ocorreram apenas do séc. XX: os eventos da chamada "Conquista" da América pelos espanhóis, é um evento que precisa ser retomado não apenas pela Historiografia, mas também por outras áreas, como a Filosofia Política, sobretudo na América Latina.

A partir dessa perspectiva, as ações dos europeus, na chamada "América Espanhola" pode ser averiguado sob um conceito contemporâneo, o de "mal banal", utilizado por Hannah Arendt (1906-1975) na busca de compreender o Totalitarismo Nazista (1933-1945), com os atos praticados na conhecida "Solução Final", na qual pessoas foram exterminadas a partir de objetivos de pessoas e de grupos, mas não da dignidade humana. Frei Bartolomé de las Casas (1474-1566) expôs, de forma contundente, as ações humanas que se configuram como absurdas, inumanas, incompreensíveis e inexplicáveis racionalmente, na América, engendada pelos espanhóis, com o objetivo de torná-la uma colônia de exploração.

Parece bastante importante, então, analisar os acontecimentos históricos, que se prolongam nos dias atuais, nos mais diversos países da antiga Colônia Espanhola na América, para que, compreendendo-os, seja possível evitar que eles continuem, preservando pessoas e seus grupos étnicos, isto é, sua singularidade e sua diversidade, sua dignidade humana, em outros termos. E isso não é responsabilidade apenas de governos ou de instituições, mas de cada um, enquanto ser humano, cidadão e habitante da Terra.

2. A História

Na Baixa Idade Média Europeia (séc. XI-XIV), vários fatores se articularam, como o aumento demográfico, a escassez de metais preciosos, a falta de matérias primas e de mercados, levando as maiores potências da época, Portugal e Espanha (em verdade, Castela e Aragão) a iniciarem buscas por rotas marítimas que lhes permitisse chegar às Índias: território rico em especiarias (cravo, noz-moscada, etc.) e metais preciosos. Assim, nessas viagens, as costas africanas foram exploradas, eles chegaram à Índia, mas também ao Novo Mundo, após denominado de "América".

Cristóvão Colombo (1451-1506), navegando sob a bandeira dos "Reis Católicos" (Isabel I, de Castela e Fernando II, de Aragão), chegou à América Central (Cuba ou República Dominicana, não há certeza sobre isso) em 1492. Ele reconheceu a terra em nome dos Reis Espanhóis como se ela fosse desabitada. Américo Vespúcio (1454-1512), explorador e geógrafo italiano, acompanhou várias expedições pelas costas do Novo Mundo, sendo homenageado: seu nome, no feminino, foi utilizado para nomear o novo continente, a América.

Nesse ciclo, o Brasil foi "descoberto", em 1500. Entretanto, o que é preciso destacar é que o objetivo das descobertas não foi a colonização ou o conhecimento, mas a exploração, a expropriação. Foi o chamado período do Colonialismo: houve roubo, morte, exploração de terras, riquezas e pessoas. Houve um grande genocídio por todo o continente. Há vários relatos, mas eles nem sempre são lidos, retratados, enfim conhecidos, como ocorre com o texto de Las Casas.

3. O Totalitarismo

Os Sistemas Totalitários mais conhecidos do séc. XX foram o Nazista e o Stalinista. Existiram, porém, outros que possuíam alguns atributos assemelhados, como o Fascismo Italiano e o Regime Franquista. Tais Regimes possuem as mais variadas características: uso da propaganda, de polícia secreta, da mentira política, de inimigo objetivo (comunista, homossexual, judeu, cigano, polonês, negro, testemunha de Jeová, por exemplo), de campos de concentração com trabalhos forçados, extermínio. Soma-se a isso, a guerra para a anexação de territórios, como o da Polônia, da Tchecoslováquia, entre outros.

A "conquista da América", por seu turno, não precisou de fábricas de morte, pois as pessoas foram mortas em suas cidades, junto com suas famílias, incluindo velhos e crianças, doentes ou grávidas. E o objetivo foi lhes subtrair as terras, os tesouros, assim como, muitas

vezes, explorar o trabalho, como Las Casas escreveu. Entretanto, há poucas estatísticas sobre o número de mortos. Sabe-se que territórios inteiros ficaram sem população autóctone, como a atual República Dominicana, a chamada de Hispaniola, naquele tempo.

Nesse contexto, várias questões surgem e ressurgem, como por exemplo, um dos eventos ser comentado, exposto, estudado, enquanto o outro é, ou está, quase esquecido. Além disso, não há textos em que ambos aparecem juntos, posto que os objetivos foram bastante parecidos: lucros para alguns grupos em detrimento dos bens, do trabalho e da vida de outros.

Além disso, chama a atenção o comportamento de pessoas que receberam e executaram as ordens, mesmo não fazendo parte do grupo que seria diretamente beneficiado. Assim, outra característica aproxima os dois eventos: atos monstruosos, incomensuráveis, praticados por pessoas que não tinham qualquer psicopatia, fanatismo ou ódio pelo inimigo. Nesse momento, as reflexões de Arendt sobre o "mal banal" podem auxiliar, se não na compreensão de tais atitudes, ao menos na investigação delas.

4. A "banalidade do mal"

Quando as notícias sobre o extermínio ("Solução Final") começaram a ser divulgadas (em torno de 1943), a maioria das pessoas, refugiados ou não, ficaram descrentes. Parecia-lhes impossível que tais atos pudessem ter acontecido. Com o passar do tempo e as derrotas Nazistas, até o final, em 08 de maio de 1945, tornou-se impossível continuar duvidando: testemunhos, fotos, filmes, foram sendo divulgados.² Muitas pessoas passaram a questionar-se sobre os motivos que levaram pessoas a tais atitudes.

Arendt, deixou a Alemanha devido à ascensão progressiva de Hitler e de seus colaboradores e simpatizantes. Ela vivenciou a situação e procurou entendê-la: inicialmente denominou de "mal radical" à atitudes praticadas (1951). Após o Julgamento de um funcionário Nazista (Adolf Eichmann), em 1961-1962, ela alterou a denominação para "mal banal": atos cometidos sem uma raiz, seja de maldade, de patologia, de ideologia, de religião, mas enorme em seus resultados. Além disso, esse "mal político" não é perdoável, sequer punível. Ele é assombroso porque é praticado sem uma intenção, mas ele atinge e destrói não

² Sabe-se que até hoje há pessoas que duvidam que "tais coisas" tenham ocorrido, porém esse tema apenas tangencia o tema do presente Ensaio.

apenas as pessoas e suas famílias e amigos, mas o ser humano, ao desrespeitar a dignidade humana.

3. Considerações Finais

Retomar as questões propostas, em um ensaio, significa uma tentativa de aproximar eventos distantes, tanto no tempo quanto nas discussões teórico-científicas. Dito de outro modo, buscar compreender eventos diferentes oportuniza que eles sejam analisados a partir de situações e de características que, em um primeiro momento, parecem distante e desconexas. Nos casos em questão, porém, há variadas semelhanças, como os objetivos da eliminação de pessoas (apossar-se de seus pertences, ampliar territórios e explorá-los, desvalorizar o diferente, usar sua mão de obra, entre outros). E ainda, que foram humanos, seguindo ordens, que executaram tais atrocidades. Por quê eles obedeceram? Como não se compadeceram do sofrimento dos outros? Por que não pensaram sobre o que faziam, não se colocaram no lugar daqueles que estavam sendo expropriados, explorados, mortos? Ou das crianças? Além dessas, há outras perguntas: por que um evento é mais valorizado do que outro? Porque um parece esquecido com o passar do tempo e o outro, não? Nos cotidiano, muitos povos autóctones (nativos, índios ou ameríndios, não importa a denominação) continuam a ser dizimados, desrespeitados por pessoas e por governos. Não há respeito pelo outro, sua cultura ou vida. É preciso mais do que leis: é preciso retomar os fatos, alterar as mentalidades colonizadas por meio de um esforço cidadão, então político, em prol da dignidade humana.

Referências

AQUINO, Rubim Santos Leão de; et al. História das Sociedades Americanas. Rio de Janeiro: Livraria Eu e Você, 1981.

ARENDDT, Hannah. Origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UFRJ, 1991a.

_____. Eichmann à Jerusalém: rapport sur la banalité du mal. Paris: Gallimard, 1991b.

_____. Responsabilidade e Julgamento. São Paulo : Cia das Letras, 2004.

LAS CASAS, Frei Bartolomé. O Paraíso Destruído: a sangrenta história da conquista da América Espanhola. PortoAlegre: L&PM, 1984.



LÉON-PORTILLA. A conquista da América vista pelos índios: relatos astecas, maias e incas. 2 ed, Petrópolis: Vozes, 1985.

SCHIO. Sônia Maria. Hannah Arendt: história e liberdade (da ação à reflexão), 2 ed., Porto Alegre: Clarinete, 2012.